

# Notícias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)  
ARMANDO ROCHA CRUZ  
DIRECTOR ADJUNTO — JOSÉ MACHEIRA  
Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO — Telef. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA S. PEDRO, 17 — OLHÃO  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO  
TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## A SAÚDE EM DOIS MESES 121.512 CONTOS

UMA pequena nota que este jornal publicou de alerta às mães para que se previam, da contaminação a seus filhos do quisto hidático transmitido pelos cães deu-nos ensejo a que traçassem estas linhas.

A imprensa tem múltiplas facetas todas elas de imprevisível importância. Não é só a função informativa.

Entre elas avulta pelo seu melindre a do esclarecimento, a da educação.

Esclarecer é educar. Onde bate a luz dissipam-se as trevas. É necessário insistir, insistir sempre, sem fadiga, para que a luz vá irrompendo e a verdade impondo-se. E neste capítulo da saúde muita coisa há a dizer. Não somos especialistas nem peritos na matéria mas entendemos que não

basta proclamar que a saúde é o melhor bem do homem, a maior riqueza da Nação. É necessário espalhar conhecimentos para que todos se defendam e imunizem.

Entre nós, principalmente nos meios incultos, o horror maior é para a tuberculose. O tuberculoso é um ser amaldiçoado com quem se deve perder todo o contacto.

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

## "HOTEL OU NÃO HOTEL!"

NA cidade de Faro foi construído um hotel que não funciona, porém, não sendo a falta de clientes o seu problema, é um caso que merece ser apontado como coisa rara.

Há uns bons anos atrás fizeram-se 25 quartos e uma sala de restaurante, óptimas instalações, que naquela época foram consideradas como excepcionais. Depois de algum tempo o seu proprietário (hoje falecido), verificou que as instalações eram insuficientes para albergar o número elevado de hóspedes que ali chegavam e, então, resolveu, ele mesmo, cons-

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

## NAUFRÁGIO

Fuseta, 17—Em menos de meia hora se afundou, com água aberta e apesar dos esforços da tripulação, o barco de pesca «Deus Pensava», propriedade do pescador Mário Jorge, que seguia a bordo como «mestre».

Os 16 tripulantes conseguiram salvar-se em três botes, mas tiveram de remar durante 6 horas até atingirem a costa.

Quando se verificou que era impossível salvar o barco, Mário Jorge deu ordem para a tripulação entrar nos botes mas recusou-se a acampá-la.

Agarrado à roda do leme, e chorando, queria ir para o fundo com o seu barco, tendo os companheiros sido obrigados a arrastá-lo para um dos botes, apesar da sua resistência.



UMA RIQUEZA OFERECIDA A ESTRANHOS

## Porque não se dedicam os pescadores de Vila Real de Santo António À LUCRATIVA PESCA DO CAMARÃO?

Pergunta um Leitor do «Notícias do Algarve» em carta dirigida à Redacção

VILA Real de Santo António, possuidora de uma das maiores frotas de pesca do sul do país, dedica-se exclusivamente à pesca da sardinha e do biqueirão, constituindo estas duas espécies de peixe a sua maior fonte de riqueza.

Durante a época do defeso da pesca da sardinha, os tripulantes de traineiras e enviadas dedicam parte do seu lazer à pesca à linha ou por meio de «palangre» de peixe fino, cujos lucros que auferem são deminutos causando a época do defeso sérios transtornos na manutenção dos lares destes inúmeros pescadores.

A propósito desta inactividade a que se vê obrigado o pescador durante o período de defeso da pesca da sardinha, pergunta um nosso leitor, que se confessa leitor assíduo do nosso Jornal, porque não se dedicam os nossos pescadores à pesca do camarão, espécie de marisco abundante nas nossas costas.

É sabido e com grande máguia nossa, que os pequenos barcos de arrasto das vizinhas cidades espanholas de Ayamonte, Isla Cristina, e Huelva, pululam as nossas costas arrancando ao leito do mar, com as suas frágeis artes de pescar centenas de quilos de ca-

Nos meses de Janeiro e de Fevereiro, Portugal exportou 8.393 toneladas de peixe em conservas de azeite, tomate e outros molhos.

O valor das vendas atingiu 121.512 contos, figurando a Alemanha com 35.313 contos e a Inglaterra com 14.894 contos.

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

marão, que dias depois, após uma preparação cuidada, vão ser vendidos e importados por importadores de Vila Real de Santo António e daqui enviados para todo o Algarve, parte do Alentejo e com maior abundância para Lisboa.

Os preços a que presentemente

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

## O INFANTE D. HENRIQUE NA CONQUISTA DAS CANÁRIAS

# O DIREITO ÀS CANÁRIAS SEGUNDO O PROFESSOR PAULO MEREIA

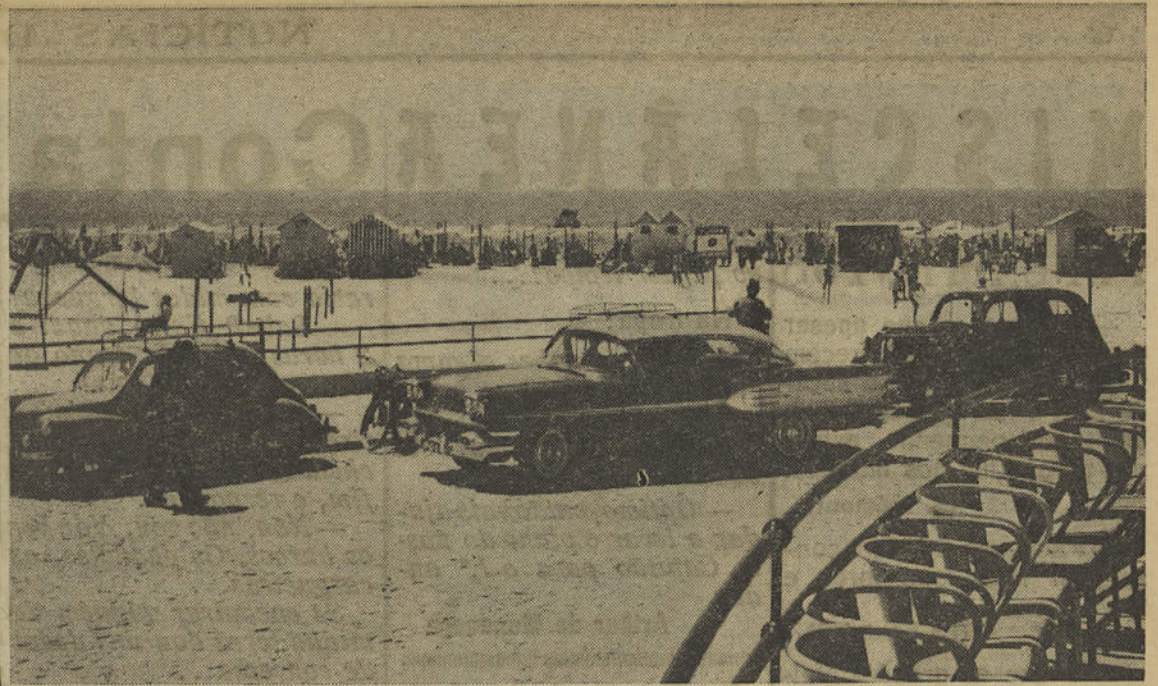
Prof. português Paulo Merea, raro professor de Direito que se tem ocupado do assunto nos «Estudos da História do Direito», dedicou umas páginas à questão do direito à posse das Canárias. Diz ele: «Na Idade Média havia um cuidado muito particular em dar às pretensões uma base jurídica e até na frequência com que se recorria, na falta de razões verdadeiras, à falsificação de documentos se manifesta de um modo curioso a consideração em que era tido o direito. Talvez na essência tenha sido uma época de arbítrio; mas nunca o arbítrio timbrou tanto em se revestir das formas da legalidade.

Os nossos monarcas revelaram a preocupação de justificar o nosso domínio colonial e defendiam com as leis nas mãos os nossos direitos.

A célebre carta de Afonso V ao Papa Clemente VI, de 12 de Fevereiro de 1345, é o documento mais antigo a demonstrar os nossos direitos nas Canárias». Como vimos

## Câmara Municipal de Lagos

A Câmara Municipal de Lagos mandou instalar no 1.º andar do Edifício do Turismo, uma biblioteca que já está a funcionar com livros fornecidos pela Fundação Gulbenkian.



## PROBLEMAS DE MONTE GORDO

# ATÉ QUANDO???

POR ROGÉRIO PEDRO

TURISMO pretende ser «senhor» na nossa risonha província e como preito de homenagem e consideração, prontamente lhe abrimos os braços; mas abrimos por não só querer ser «senhor», pois muito nos congratulamos em que assente arraiás neste «cantinho florido da Europa à beira mar plantado».

Precisamos dele. Precisamos que se desenvolva, cresça, que atinja um nível igual ou superior ao que tem ascendido noutros locais, para quem a natureza foi madrastra, mas que o «capital de alguns» dotou de condições e de folhetos publicitários.

Precisamos sim, mas também precisamos que, aqueles que virão lucros da indústria turística do Algarve, olhem com carinho para as suas «agências de negócio»,

pois dotando-as de melhores condições não só progridem nas suas relações com o público, como nos ajudam a defender uma das causas mais justas pela qual (de Sagres a Vila Real de S. António, e da serra confinante com o Alentejo à dourada areia das nossas praias) todos nos batemos.

Hoje permitimo-nos chamar a atenção da C. P. para a Estação de Monte Gordo. A C. P. melhor que nós sabe o número de utentes dos seus sorrisos e por isso também deve saber que já é tempo de mandar construir naquela estação as indispensáveis condições que vimos existirem noutras de muito movimento.

Entre eles apontamos. — Uma gare coberta.

— Retretes. — Melhoria de horário do funcionamento da estação.

Será justo que às 6 horas, com a estação fechada, à chuva ao vento e ao frio, não haja onde se possam abrigar?

Como se podem despachar pequenas bagagens na automotora das 6 horas, embora sigam depois, se não há quem venda bilhetes e possa tratar do serviço?

(Conclui na 2.ª página)

## RUMO A MARROCOS

por DINIZ D. MARTINS DA SILVA

VINTE e quatro horas de 6 de Agosto de 1949... Quinze homens, 5 mulheres e 3 crianças, acabavam de iludir a vigilância da guarda-fiscal, fazendo-se ao mar numa pequena embarcação à vela, rumo às terras lendárias do Norte de África. O mar estava calmo e uma leve brisa soprava as velas do minúsculo barquinho. Ao leme, um velho lobo do mar, guiando-se pela estrela polar conduzia a embarcação ao encontro da aventura e das terras distantes do Alcorão. Em todos os rostos se lia a expectativa da aventura e a incerteza da chegada à terra almejada. Nas mulheres, a ideia de voltarem a abraçar os ente queridos que lá longe murejavam pelo pão daquelas crian-

ças que seguiam adormecidas nos seus colos, fizera esquece-las do perigo que tal empresa lhes podia acarretar. Nos homens, a ilusão de alcançarem uma vida melhor e quiçá a fortuna, embora ameaçada com inúmeros sacrifícios, fizeram olvidá-los da ousadia de enfrentarem os oceanos desconhecidos.

E aquele pontinho emergido das águas, seguia lentamente, cortando com a proa as pequenas ondas que ganhando maior amplitude iriam desfazer-se nas praias, contando às areias a audácia daquele punhado de homens e mulheres. O luar punha reflexos de prata no oceano e a brisa deixara de soprar. Então, oito braços vigorosos

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)



MISS ESPANHA — De mãos dadas, Maria Teresa e Rodert sobem as escadas de um Hotel de Miami Beach

Vão ser postos em praça terrenos para a construção de uma Pensão com um mínimo de cinco pisos na PRAIA DE MONTE GORDO

PELA Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, vão ser postos em praça nos primeiros dias de Novembro um lote de terrenos para a construção de uma pensão com um mínimo de cinco pisos.

A nova pensão ficará situada junto da prevista estrada da Circunvalação, por onde de futuro será a entrada de Monte Gordo, ficando dado o seu número de pisos com um panorama excelente para toda a povoação e com esplêndida vista para o mar de uma das alas.

Com a construção da nova pensão será preenchida uma lacuna que há muito se fazia sentir, poi era notória, e neste ano mais uma vez se repetiu, a falta de alojamentos a um preço acessível.

Segundo informações que nos foram prestadas existem inúmeros capitalistas interessados nos terrenos, pelo que estamos certos que na futura época balnear já se encontrará a funcionar mais uma magnífica unidade hoteleira na Praia de Monte Gordo.



LEIA NA NOSSA SECÇÃO DE CINEMA O ARTIGO SOBRE O «ORFEU NEGRO»

# MISCELÂNEA Conta Gotas PARA QUANDO a Sociedade Panificadora DE CASTRO MARIM?

## PENSAMENTOS

— Há pessoas que apesar da sua nulidade nos parecem importantes; o mesmo sucede com a lua, que sendo um dos mais pequenos astros nos parece um dos maiores.

(S. Trémont)

— Paciência e tempo conseguem mais que força e raiva.

(La Fontaine)

— O que as grandes afeições tem de bom é que depois da felicidade de as ter sentido, resta ainda a felicidade de recordá-las.

(A. Dumas Filho)

— Na mocidade julga-se conseguir tudo por meio da actividade; mais tarde vê-se que nada se consegue senão com paciência.

(Laborie)

— Os homens são como os livros, é necessário tomá-los pelo seu valor e não pelo seu aspecto.

(Sérgio Trémont)

## ANEDOTAS

No tribunal:  
— O Sr. é solteiro, casado ou viúvo?  
— Viúvo.  
— E é viúvo desde quando?  
— Desde que morreu minha mulher...

— Na aula de Matemática o professor passa exercícios para fazer em casa:  
— Para amanhã façam os problemas n.º 2, 3 e 4-B. Comentário dum aluno no fundo da aula:  
— Um tiro no porta-aviões...

— Ele era tão tímido, tão tímido, que para o simples facto de mudar de ideias se punha invariavelmente atrás dum biombo.

— A única maneira de uma mulher se vestir para agradar a um homem é rapidamente.

No escritório:  
— A menina sabe por acaso onde está o meu lápis vermelho?  
— Mas... tem-no o Sr. atrás da orelha!  
— Diga-me depressa em

qual delas porque não posso perder tempo!...

Na tropa:  
— Ó 31, tu sabes alguma coisa de música?  
— Bem meu sargento, não é por me gabar mas sei bastante.  
— Ótimo, então vais ajudar a levar o piano do nosso Capitão para o 1.º andar.

Arthur de Mendonça

## CHARADAS

II  
PASSEMOS a outra espécie: as metamorfoseadas. A sua técnica consiste na transformação de uma palavra noutra diferente pela mudança de uma letra. Exemplos: PORTA-PONTA (mudança da 3.ª letra); QUADRO-QUATRO (mudança da 4.ª letra); MOTE-DOTE (mudança da 1.ª letra). Construamos uma frase: O génio de Camões brilhará eternamente, como inextinguível clarão. 4 (1). Os números indicam-nos que os sinónimos a obter para as chaves génio e clarão têm quatro letras e que a mudança é efectuada na primeira. Sendo NUME um sinónimo de génio com quatro letras, podemos, mudando a primeira, encontrar o vocábulo LUME que é sinónimo de clarão.

Decifremos algumas charadas desta modalidade:

1 — A maioria das pessoas conhece-se pelo aspecto. 5 (4).  
2 — O lume é mais apreciado quando aquece o interior duma caverna. 4 (3).  
3 — O estroina só se sente bem na vadiagem. 6 (6).  
4 — A amizade não tem «preço». 7 (3).  
(A charada n.º 1 não é inédita. Os termos entre aspas são figuradas).

Soluções das charadas adicionadas insertas no número anterior: 1 — sono + lentas = SONOLENTAS; 2 — regra + dó = REGRADO (em certos casos desprezam-se os acentos graves, agudos e circunflexos); 3 — más + cara = MÁSCARA; 4 — uni + verso = UNIVERSO.

NAVEGANTE (G. E. O.) - Olhão

## PALAVRAS CRUZADAS

### PROBLEMA N.º 6

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									

NAVEGANTE (G. E. O.) - OLHÃO

ma religião; versejar. 11 — Concordei; ar (prefixo); oferece. 12 — Indelicados.

VERTICAIS: 1 — Contagiarão. 2 — Despachado; azeitona. 3 — Filho mais velho; proveitoso. 4 — Cada uma das vinte partes iguais em que se divide um todo. 5 — O mesmo que ligadas. terceira nota musical da escala de dó; clima. 6 — Adorne; cobrirei com tampa. 7 — Talismã (familiar); raiva. 8 — Quarta nota musical da escala de dó; separam. 9 — Caminhavam; cavado. 10 — Crítico invejoso; rezaras.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5

HORIZONTAIS: 1 — Pai; efe. 2 — Dia. 3 — Doido; Pires. 4 — Genuíno. 5 — Rosa; selo. 6 — Se; ra. 7 — Stop; ocre. 8 — Alegria. 9 — Ralar; latim. 10 — Uma. 11 — Foi; asa.

VERTICAIS: 1 — Ada; Ara. 2 — Res. 3 — Amigo; Talco. 4 — Descola. 5 — Dona; Peru. 6 — Ai; Mi. 7 — Apis; Orla. 8 — Inércia. 9 — Farol; Ratos. 10 — Ore. 11 — Usa; Uma.

(Conclusão da 1.ª página)

ria com maior largueza!  
— Sabe? Entro daqui a 2 horas e ainda tenho de dar um pulo ao cais!

— Vai esperar alguém!... tirou uma baforada mais cheia do cigarro quase no fim, e respondeu.

— Não, não vou. Vou ver os barcos. Os paquetes, os cargueiros...

Se encontrar alguém da minha terra dou uns dedos de conversa...

L. não é contrabandista; não tem qualquer interesse especial a defender. Não aprende línguas (ensina matemáticas, os vãos dele terminaramnoslogaritmos). O L. vai ao cais apenas para ver os barcos. Nada mais. Ver os barcos.

É a maneira que ele inventou de não esquecer que há outros horizontes além daquele que lhe aperta o gasseto, como um anel de bronze.

### Observação

É um erro pensar que podemos dispor da dignidade dos outros a nosso bel talante. Que podemos obrigar fulano e sicrano a tomar esta atitude, dizer aquela palavra, que podemos exigir isso dos outros só porque eles dependem de nós. É mais do que um erro. É um erro trágico.

### As mãos

Bom tempo em que os reis se faziam marceneiros! Eles tinham razão. Eu, se mandasse, obrigava toda a gente a aprender ofício manual.

O que nós somos, todo o progresso, deriva da conformação das nossas mãos. Exercitá-las, ensinar-lhes a praticar visto ou naquilo, seria um processo de nos humanizarmos, de criarmos raízes, de ficarmos com os pés mais assentes na terra. De ganharmos equilíbrio. Porque não sei se já re-

pararam que as pessoas realmente infelizes são aquelas cujas mãos nada criaram.

### Diário Íntimo

Nunca te aconteceu, disse, nunca te aconteceu teres vergonha de ti próprio?

Sem que ninguém o soubesse? todos com um sorriso?

V. Ex.ª isto, V. Ex.ª aquilo?

Uma pancadinha nas costas?

Ou um silêncio de hidra, devorando, uma a uma, todas as pessoas? Devorando-as pela habitação sistemática a prescindirem da sua auto-determinação?

Sem que ninguém desconfiasse — oh! cúmulo! — da vergonha de ti próprio que te lavrava na alma?

Dize, nunca te conhecerem!

Maria Manuela Nunes

### LINHAS DE BORDAR E COSER «D. M. C.»

As mais afamadas linhas para os vossos trabalhos estão desde esta data à vossa disposição aos preços NORMAIS DA FÁBRICA

Pedidos directos a: Estab. «LENIA»

Rua Almirante Reis, n.º 6 - 1.º - Direito = OLHÃO (Algarve)

## Câmara Municipal DO CONCELHO DE OLHÃO AVISO N.º 34

Para os devidos efeitos, se rectifica o anúncio n.º 33, respeitante à obra de «SANEAMENTO DA FUSETA — EMISSÁRIO», porquanto a base de licitação é de 354 524\$00 e consequentemente, o depósito provisório passar a ser de 8 863\$10.

Paços do Coucelho de Olhão, 17 de Outubro de 1960.

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

Dr. Vítor Pinto Quintas

## PARA QUANDO a Sociedade Panificadora DE CASTRO MARIM?

PARA melhorar a situação difícil que a industria de panificação atravessa, vem-se desde a poucos anos verificando em quase todo o País a concentração de industriais, e cujos resultados são satisfatórios, pois só deste modo se poderá manter a industria, uma das de maior necessidade do povo e com melhorias notórias.

É pena que no concelho de Castro Marim, cujo constituição da sociedade pela terceira vez é gorada por parte de alguns industriais não terem reconhecido a vantagem que existe na concentração, e assim originam prejuízos aos seus colegas e ao mesmo tempo também sentem os seus efeitos muito principalmente na malfadada venda a crédito.

O Grémio dos Industriais de Pauificação de Faro a quem se deve muito pela grande colaboração aos seus associados está sempre pronto a compartilhar e elucidar

os industriais interessados em constituírem sociedades panificadoras, e vendo bem o problema é de toda a vantagem as concentrações.

Dentro de dois anos termina o prazo, e terão os industriais de dar cumprimento à Lei em vigor sobre os melhoramentos a introduzir nas padarias, para ficarem nas condições exigidas e alguns industriais não têm condições de poder fazer terço, de deixar de laborar, o que tudo estaria resolvido para bem da industria se a sociedade fosse constituída.

Este problema deveras importante para engrandecimento da industria panificadora, contando como atrás cito pelo apoio do Grémio, carece apenas da boa vontade de alguns industriais que de qualquer modo discordem com a sociedade por motivos de tão pequena importância que não se justifica que a sua constituição seja estudada novamente para que no próximo ano que já se avizinha comece a trabalhar em concentração.

A. S. Domingos

## AGENDA

TRAINEIRAS MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António de 14 a 20 de Outubro

Maria Rosa . . . . .	41.980\$00
Liberta . . . . .	32 0 0\$00
Les'e . . . . .	26.430\$00
Janita . . . . .	20.153\$00
Suestada . . . . .	17.860\$00
Flor do Sul . . . . .	17 230\$00
Norte . . . . .	16 7 0\$00
Flor do Guadiana . . . . .	15.720\$00
Nova Sr.ª da Piedade . . . . .	14.925\$00
Oeste . . . . .	7.760\$00
Costa Azul . . . . .	6.080\$00
Fernando Carlos . . . . .	3.110\$00
Alvarito . . . . .	2.850\$00
Ciarinha . . . . .	1.800\$00
Amazona . . . . .	1.470\$00
Sr.ª da Saúde . . . . .	605 00
Total . . . . .	228.343\$00

Peixe diverso apanhado por várias embarcações . . . . . 37 784\$00  
Total . . . . . 266.127\$00

Assina e propaga "Notícias do Algarve"



## Saborear é viver...

A hora do lanche chegou. Os garotos precipitam-se alegremente para as fatias de pão com Planta! Uma fatia, duas, três fatias de pão com Planta, cada um! É um gosto! Isto prova que também eles sabem apreciar as coisas boas. Saboreie Planta e verifique também que é a mais fresca e deliciosa das gorduras.



# Planta a gordura das pessoas de bom gosto

FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA., SACAIVÉM

SECÇÃO DE



Por CARLOS MACHEIRA

CINE-CLUBE OLANHENSE

40.ª SESSÃO

DEMÓNIO DOURADO

FICHA TÉCNICA

**Realização**—K. Shima; **Argumento**—K. Shima; **Intérpretes**—J. Negami (Kan-Ichi)-Fujiko Yamamoto (Miyu) K-nji Sugawara (Arno)-Mitsuko Mitoh (Akagashi) K-suko Fuhimi (Aiko)-Eiji Funakoshi (Tomiyama)-Shizue Natsukawa (Mme Minow)-Kumeko Urabe (a pobre).  
**Produção**—Dai-I Tôquio; **Operador Chefe**—Michio T. Kashi; **Música**—Ichiro Saito; **Distribuidora**—Sonoro Filme.

ÉPOCA E ENQUADRAMENTO SOCIAL

A acção do «DEMÓNIO DOURADO» desenrola-se na cidade japonesa no fim do século XIX ou seja durante o período em que a influência da civilização ocidental se começou a fazer sentir nesse país. Até aí o cinema japonês tinha-nos mostrado filmes ficando uns o Japão tradicional e outros o contemporâneo.

Admirar-nos-emos por encontrar em «DEMÓNIO DOURADO» elementos destes dois géneros cinematográficos japoneses. Mas o filme revela por numerosos indícios que o Japão de 1900 estava provavelmente muito mais próximo do Japão medieval que do após guerra.

Sem dúvida os jovens estão vestidos de colegiais ou de dandys à moda de Londres, sem dúvida há móveis ocidentais em certos interiores, pianos, combóios, perfumes de Paris. Mas todos estes elementos fazem parte daquilo que de mais superficial há no cenário da vida; não atingem as características fundamentais de um povo. É preciso também ter em linha de conta que as personagens pertencem a um meio burguês: pequena burguesia (Arao, que é pobre), média burguesia (os pais de Miya), grande burguesia (os banqueiros Tomiyama), usurários ricos (Akagashi). Foi este meio que normalmente foi o primeiro a ser atingido pela ocidentalização progressiva do Japão: foi ele que enviou os filhos para terminar os seus estudos na Europa, que comprou móveis e instrumentos de música ocidentais, continuando entretanto firmemente agarrado a certas tradições. As mulheres continuam a usar vestidos nacionais, aprendem a tocar o «KOTO», esse instrumento de música com o qual «O HARU» «AS PORTAS DO INFERNO» nos familiarizaram já, e sobretudo a autoridade toda poderosa dos pais sobre os filhos, do marido sobre a mulher, são características tradicionais fortemente acentuadas neste filme. Esta persistência dos elementos tradicionais na época em que se desenrola o filme explica bem as situações e as personagens de «Demónio Dourado».



Jun Negami e Fujiko Yamamoto em «Demónio Dourado»

APRECIAÇÃO DO FILME

Valor Documentarista:

Todo o filme japonês tem o interesse — que teriam os filmes chineses ou indus se tivéssemos — possibilidade de os ver — de nos mostrar, visto dentro, um país e a vida de um povo tão eminentemente pitorescos. Sem dúvida «OKASAN» «CRIANÇAS DE HIROSHIMA» eram documentos mais valiosos sobre a vida real do povo japonês e «O HARU» ou «AS PORTAS DO INFERNO» apresentavam para nós um maior coeficiente de exotismo que «DEMÓNIO DOURADO». Mas no decorrer do drama temos continuamente oportunidade de ver esses gestos familiares, quotidianos, da civilização japonesa que nos familiarizam pouco a pouco — filme após filme japonês — com a alma desse povo longínquo. É essa uma das felizes consequências da actual popularidade do cinema japonês: agora temos a impressão que se fossemos ao Japão não nos sentiríamos aí totalmente estranho. «DEMÓNIO DOURADO» desempenha pois o seu papel na grande tarefa de aproximação entre os povos que pode ter o cinema e particularmente o cinema japonês porque ele sabe ser nacional.

VALOR MORAL

A acção de «DEMÓNIO DOURADO» pode passar por simples melodrama mas este melodrama não é destituído de significado; pretende exprimir certas ideias que se agrupam em torno de dois grandes temas: o Amor e o Dinheiro. «DEMÓNIO DOURADO» é uma apologia do Amor e da Renúncia. Os «maus» do filme além de ricos ocupam-se, profissionalmente, de assuntos de dinheiro: Tomiyama é banqueiro, Akagashi é usurário, Kan-Ichi torna-se usurário quando passa a dedicar-se ao Mal.

Todas as infelicidades reveladas no filme têm por causa o dinheiro (os pais de Miya fazem-na desposar um homem rico; é para conseguir benefícios materiais para Kan-Ichi que Miya aceita esse casamento). Os interesses materiais constituem um motivo dominante do decorrer do filme: Kan-Ichi é atacado por ladrões, os devedores importunam-no, etc... E esta ideia está continuamente ligada à de sofrimento, esforço penoso, deslealdade e malvadez.

Nestas condições o amor é impossível. É somente quando Kan-Ichi perde toda a sua fortuna — essa fortuna que ele tinha tentado salvar a troco da sua vida, que se tinha tornado a sua única finalidade precedente, o Amor — e somente quando ele

(Conclui na 4.ª Página)

ORFEU NEGRO

o grito de Amor de Marcel Camus

QUANDO a guerra rebentou, Marcel Camus era professor de desenho e foi no cativello que a arte dramática lhe começou a interessar. Libertou em 1945 pediu ao seu tio, o romancista Roland Dorgès, que o apresentasse ao realizador Henri Decoin de quem foi conselheiro técnico durante várias produções. Contudo Camus esperou ter cerca de 46 anos para se dedicar ao seu primeiro filme pois não queria tornar-se «cúmplice de más acções»... «Orfeu Negro» é a prova bem viva da honestidade que comanda os seus sentimentos e os seus actos.

Em Junho de 1956 deparou-se-lhe, na pessoa do produtor Sacha Gordine, a oportunidade desde à longo tempo esperada: a adaptação feita por Jacques Viot da peça brasileira «Orfeu da Conceição», do poeta Vinícius de Moraes. Camus soube imediatamente que seria ele que teria de dar vida a este Orfeu moderno — custasse o que custasse.

BARRETO POEIRA VOLTA AO CINEMA

Barreto Poeira, um «clássico» do cinema português há muito afastado das câmaras de filmagem, vai interpretar um dos principais papéis da nova produção de Augusto Fraga: «Raça».

Ultimamente, Barreto Poeira dedicava-se à Rádio, interpretando os folhetins «Um motim há cem anos» e «O encanto de Lorna Dooné», apresentadas pela Emissora Nacional.

E na verdade custou-lhe uma boa dezena de filmes que lhe tinham sido propostos desde que se resolvesse tornar independente de Henri Decoin. Custou-lhe dois anos de trabalho, três viagens ao outro lado do mundo e um exílio de mais de um ano. Só a elaboração do cenário e dos diálogos, em íntima colaboração com Jacques Viot, levou-lhe oito meses.

Em Dezembro de 1957 foi ao Rio de Janeiro com o propósito de assistir ao Carnaval e de lá voltou em Fevereiro do ano seguinte, mas desta vez vinha rodeado por uma equipa de cinco colaboradores. E a fase de rodagem levou-lhe outros oito meses. Camus correu todos os ministérios, lutando contra o ceticismo e a indiferença provocados pelos malogros de Clouzot e Welles no Rio. Na verdade os franceses ajudaram-no mas os negros brasileiros deram-lhe um concurso incassante.

Desarmado, solitário, errou durante longo tempo pelos bairros pobres e de má fama, pelos «caboucos» que superlotam a baía do Rio.

Durante uma das suas expedições por estes bairros pobres, uma

família miserável chegou mesmo a «albergá-lo quando surpreendido por violenta chuva».

O filme entrou então na fase de

(Conclui na 4.ª página)

“Há Lodo no Cais”



Imagem do filme «Há Lodo no Cais» recentemente exibido pelo Cineclube de Faro e de cujo programa extraímos a seguinte passagem: «Há Lodo no Cais» apresenta algumas dificuldades. Para falar nele vamos esquecer que Elia Kazan, realizador, Bud Schulberg, argumentista, «convocados» perante a Comissão de Actividades Anti-Americanas, fizeram declarações significativas; vamos esquecer que o sindicato dos estímulos, meio onde decorre a acção do filme, é dos sindicatos que mais cedo impuseram a sua vontade e se libertaram do domínio dos «gangsters»; e finalmente vamos esquecer que durante a

EM PORTIMÃO  
Leia o «NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
no CAFÉ NACIONAL  
e na  
BARBEARIA DESPORTIVA  
(de João Bonito)

A ABRIR...

COM o surgimento de cine-clubes no Algarve concluímos, com satisfação, o interesse que determinado público dedica pela cultura cinematográfica.

Ao debruçarmo-nos sobre as suas actividades deparamos com os inúmeros problemas que as regulam e as enfraquecem. A insuficiente receita — motivada pela deficiente cotização frente a —normes encargos como, por exemplo, os exorbitantes preços postos pelo empresário no aluguer das suas salas de espectáculos, pelos distribuidores no aluguer de filmes, etc. — é o problema capital que as direcções dos cine-clubes procuram esforçadamente resolver.

Perante a indiferença das massas associativas sobressai a luta tenaz dos membros directivos, jovens na maioria, que, recebendo em troca incompreensão, críticas mal intencionadas e vexames, constroem a sua obra — à custa de quantos sacrifícios? — com a juventude e o vigor dos seus ideais.

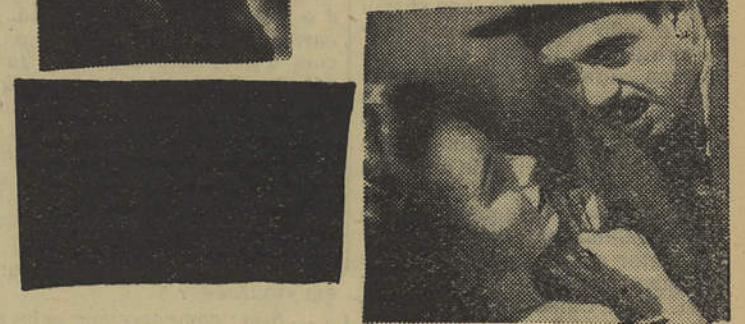
O Cinema é uma arte mas também é uma indústria

(Conclui na 4.ª página)



O  
HOMEM  
DO  
BRAÇO  
DE OURO

Um filme de Otto Preminger



Pròximamente o Cineclube de Faro estudará o filme, realizado por Otto Preminger, «O Homem do Braço de Ouro», interpretado por James Stewarte e Kim Novak, de que apresentamos esta imagem.

ACTIVIDADES DOS CINE-CLUBES

C. C. de Faro: Exibe no próximo dia 24 o filme realizado por Helmut Kautner «Escândalo na Cidade». Trata-se de um filme que estuda aspectos da juventude e de cujo programa extraímos a seguinte passagem:

«A tese do filme é exactamente a da pureza dos sentimentos, a necessidade de pais e filhos se compreenderem, de se confessarem mutuamente, de não se servirem dos filhos como instrumento do próprio egoísmo. Neste sentido, o filme é exemplar e revela o cuidado, a delicadeza de Kautner em dizer tudo sem ferir, com elegância europeia e sem temores de ordem censória».

C. C. Olanhense: Apresenta no dia 24 o filme japonês «O Demónio Dourado» conforme programa que publicamos.

C. C. de Portimão: Apresentou no passado dia 19 do corrente o filme sueco «Ela só Dançou num Verão» comentado por Candeias Nunes. Esta sessão foi, ainda, preenchida com complementos de alto nível artístico. Do programa salientamos esta passagem:

«A grande afirmação do cinema europeu foi o renascimento do cinema sueco, que se processa desde 1940, embora só há cerca de três anos tenho sido «descoberto» pela crítica e pelo público do continente. A Suécia, com uma população de sete milhões de habitantes (menos do que em Portugal), produz actualmente cerca

de quarenta películas por ano, com um nível médio bastante elevado, um grande número de autores de qualidade e uma extraordinária quantidade de películas de excelente qualidade». E não podemos deixar de interrogar: para quando a apresentação em Portugal dum número suficiente de filmes suecos que nos permitam estudar, com mais clareza, a cinematografia desse grande país que é a Suécia?

Este cineclube anuncia para o dia 18 de Novembro a sua próxima

sessão em que estudará o filme americano «O Cúmplice das Sombras» realizado por Joseph Losey.

C. C. de Vila Real de Santo António: Por motivos de ordem técnica no cinema local, este Cineclube põe reservas na organização das suas sessões previstas para este mês. A verificar-se a sua realização seriam apresentados nos dias 21 e 28 os filmes «Escândalo na Cidade» e «O Vagabundo de Motparnasse», respectivamente.

O CINE-CLUBE DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

responde ao nosso Inquérito

—O problema capital, que nos impede de fazer melhor, é a falta de dinheiro — afirma a Direcção

Está promovendo esta secção de cinema, junto dos cineclubes algarvios, um inquérito às suas actividades e problemas em que se debatem.

Julgamos ser da maior importância trazer ao conhecimento do público tais declarações que certamente irão ilucidá-lo melhor sobre as actividades cineclubistas e dos problemas a que estão sujeitas.

Desejamos, assim, contribuir para uma maior e sempre proveitosa compreensão entre as massas associativas e as direcções dos cineclubes.

Reacção da massa associativa perante as actividades do Cineclube.

A nossa massa associativa, salvo honrosas excepções, alheia-se muito às actividades do nosso Cineclube e esse alheamento é prejudicial, porque toda a colaboração é pouca.

Quantas sessões organiza por mês? Quais os obstáculos que se opõem à realização de mais?

—Ultimamente temos realizado 5 sessões de dois em dois meses, não nos tendo sido possível realizar com regularidade 2 sessões mensais, em virtude da receita não chegar. Infelizmente, a saída de sócios é superior à entrada e os distribuidores consideram um Cineclube (agremiação de utilidade pública pelos seus fins culturais) uma empresa comercial e não têm pejo em pedir pelo aluguer dos filmes verbas exorbitantes, acontecendo que, depois de regatear, chegam a fazer abatimentos de 40%!

Sessões de 16 m/m.

— Não temos realizado sessões

de 16 m/m e a aquisição de um projector desse formato tem sido a ideia dominante de todas as direcções, para o que continuamos a angariar fundos e esperamos não estar longe o dia de darmos essa alegria aos nossos associados.

Sessões recomendadas.

— Já recomendamos 18 sessões, mas a falta de um duplicador tem-nos impedido de prosseguir, pois a impressão desses programas na tipografia seria mais uma verba que as nossas finanças não comportariam.

Palestras e coloquios.

— Pensa esta direcção muito em breve fazer pequenas palestras antes da projecção do respectivo filme, sucintas mas elucidativas, para não maçar os sócios.

Cinema de amadores.

— Nada fizemos sobre cinema de amadores.

Situação financeira.

— A nossa situação financeira é débil, mas mantemos equilibradas as receitas com as despesas.

Sede e Biblioteca.

— Temos uma modesta sede, por não podermos pagar renda mais elevada, mas mesmo assim nela se têm feito os mais risonhos projectos.

Relações com Cineclubes, entidades oficiais e outras colectividades.

— Mantemos as melhores relações com todos os Cineclubes, entidades oficiais, Empresa do Cine-Foz e outras colectividades.

A organização de programas.

— A organização de programas tem sido feita por transcrição das revistas especializadas, mas um dos corpos gerentes já apresentou um trabalho seu no último programa e outros mais farão o mesmo futuramente.

# Espaço Feminino

NOS BASTIDORES DO A. B. C.

## CLARISSA BELO falou para "Notícias do Algarve"

**A**O iniciarmos uma série de crónicas e entrevistas visando o meio teatral, quizesmos ouvir, em primeiro lugar, uma artista que, mercê do seu talento, e vincada personalidade, é imensamente conhecida nos referidos meios.

Por isso, deslocámo-nos ao Teatro A B C, onde fomos recebidos pela artista no seu camarim.

Propunhamo-nos iniciar a nossa entrevista, quando nos surgiu o Fernando Ruas, o Cesar Moreira e o João Ramos, estes dois últimos, autores da revista «Espero-te à Saída» — Estabelecemos amena conversa e durante alguns momentos não se pensou na entrevista, única finalidade da nossa deslocação.

Terminado o cavaqueio e após as despedidas, aproveitámos para perguntar a Clarisse Belo o que pensava sobre os dois autores com quem tínhamos acabado de falar.

— São ambos novos e com muita vontade, respondeu-nos.

— E acha que podem impulsionar o teatro de revista?

— Certamente; mas o contacto com autores experimentados, muito os poderá auxiliar. No meu ver a parceria de um jovem autor com outro de longa experiência, daria um resultado mais notório. No entanto, como você sabe os experimentados não querem associar-se aos novos e daí resulta a impossibilidade de se poder aliar a experiência à vontade.

A nossa conversa tomou outro rumo e disparámos:

### «Foi um Amor à primeira vista»

Confessa-nos Maria Teresa, «Miss Espanha», que encontrou noivo em Miami

### «No puedo dejar que te vayas»

Disse Robert Oliver que pretende casar imediatamente com «Miss Espanha»

**Q**UANDO lhe foi dado o título de «Miss Espanha», Maria Teresa del Rio, beldade espanhola de 21 anos, de pele morena e brilhantes olhos negros pestanudos, nunca supôs que esse título viesse modificar-lhe por completo a sua vida, até então tão tranquila, na cosmopolita cidade de Madrid.

Apurada para finalista do concurso de «Miss Universo», Maria Teresa deslocou-se de avião para a célebre praia americana de Miami Beach que possui como sua maior atracção turística no Verão, o concurso da beldade que durante um ano irá ser a mais bela mulher de todo o Universo, reclame em carne e osso dos mais variados cosméticos para realçar a beleza da mulher, e a figura de relevo de filmes patéticos onde a beleza sobrepõe em vasta escala o mediocre talento.

Uma vez chegada à esplendorosa praia de Miami, Maria Teresa del Rio foi recebida pelos repórteres americanos que mais se dedicam a este género de sensação jornalística, tendo a sua beleza espanhola logo cativado Robert H. Oliver, director do concurso das beldades, que logo à primeira vista se enamorou de Maria Teresa a ponto de lhe prometer imediato casamento. Durante os ensaios para a apresentação ao público das

— Que nos diz sobre o seu regresso aos palcos?

— Fiquei imensamente contente por voltar a pisar o tablado e estabelecer contacto directo com o público, embora não seja este o género de teatro que mais gosto.

— Diga-nos Clarisse, qual o género de teatro que mais lhe agrada?

— Como já tenho afirmado diversas vezes, o teatro declamado é o único que me interessa. Se cursei o Conservatório, não o fiz com o propósito ilógico de fazer rúbulas de revista. Nutro, claro, o maior respeito pelos artistas que são grandes figuras do género musicado, extremamente difícil e fatigante, mas, acredite, para mim, o teatro declamado constitui o interesse máximo da minha carreira.

— Consta-nos que vão partir em «tournée»?

— Sim; começaremos pelos arredores, depois ficaremos uns dias no Porto e seguidamente faremos a Província.

— Está prevista a sua apresentação no Algarve?

— É muito provável e gostaria imenso de voltar a representar na sua Província, cujo público é muito gentil e carinhoso para os artistas que o visitam.

No intervalo de duas bebidas geladas, propuzemos a Clarisse que nos falasse do futuro, a que ela acedeu sorridente.

— Para o futuro tenho em perspectiva uma nova revista e falaram-me em entrar num filme.

cinco finalistas, Maria Teresa desmaiou, ou por cansaço ou por pensar que a felicidade a sobrecarregava demasiado, sobre o trono que lhe era des-



MISS ESPANHA — De mãos dadas, Maria Teresa e Robert sobem as escadas de um Hotel de Miami Beach

tinado o que valeu na Imprensa americana uma vaga de entrevistas e mexericos.

Agora passado o concurso de «Miss Universo», e já de mãos dadas os ditos noivos declaram à Imprensa que esconderam durante dias o seu amor para que o público não pensasse em favoritismos e eis assim o epílogo de o efêmero reinado de «Miss Espanha».

Armando de Mendonça

— De que filme se trata?

— Embora gostasse de satisfazer a vossa curiosidade, por enquanto nada posso dizer, visto tratar-se de um segredo.

— E sobre TV?

— Depois da minha entrada nas peças «O Céu da minha Rua», e «Miriquita Terramoto», fui convidada para actuar em mais dois programas teatrais, mas foi-me inteiramente impossível aceitar, devido à minha actuação na revista agora em cena.

E a verdade é que nesta revista Clarisse tem muito trabalho e nada menos de sete vezes, obrigou-nos a interromper esta entrevista.

Na eminência de nova interrupção aproveitámos para nos despedirmos e por isso nada mais perguntámos a Clarisse Belo. Mas do nosso colóquio ficou-nos a certeza que, graças à sua bela presença física, aliado à sua excelente dicção e à sua experiência na arte de representar, muito em breve voltaremos a vê-la no género de teatro de sua eleição: o declamado.

Diniz Martins da Silva

## MÁSCARAS DE BELEZA

**U**SO das máscaras remonta aos tempos mais recuados. No entanto nos nossos dias, poucas mulheres aproveitam a sua acção benfazeja sobre a pele, porque receiam perder demasiado tempo ou despender muito dinheiro.

Algumas dessas máscaras estão fora de uso, pois tornam-se muito complicada a sua preparação. Hoje em dia ninguém se lembra de preparar uma máscara de beleza com cinco ou seis ingredientes que, depois de misturados tinham de ser cozidos ao lume, passados por uma peneira e, só depois de arrefecidos podiam ser colocados no rosto.

Outras mantêm-se ainda, as que se compõem de produtos naturais, simples e, não exigem senão um ou dois ingredientes: clara de ovo para as peles gordas; gema de ovo para as peles secas; farinhas para as peles delicadas; e sobretudo todos os sumos e polpas de frutas e legumes secos, limão, pepino, morangos, tomates ou cenouras.

As máscaras do comércio, podem substituir vantajosamente as preparadas em casa. Apresentam-se com cremes de beleza, espalham-se cuidadosamente e, retiram-se com facilidade.

Algumas destas máscaras, limpam e alimentam a pele. Dissipam as pequenas rugas, clareiam e dão um aspecto uniforme à pele e preparam assim uma bela maquiagem que se espalha e adere melhor à sua superfície lisa.

Pela imobilidade a que forçam o rosto, repousam os traços e contraem os músculos. A sua aplicação, deve de preferência ser feita na penumbra e em silêncio.

Praticamente, todas as substâncias empregadas para os cremes de beleza, o são igualmente em

## SERPENTINAS...

Uma serpentina sibilina cortou o ar. Avançou para mim, e por fim ficou a pairar... Saltei, Pulei, para a alcançar... Mas ela sorriu, riu e fugiu... Para mim morreu!...

\* \* \*

Ela continuou... Avançou, e só parou junto dum com eu. Mas este não saltou nem pulou, para a alcançar. Então ela baixou, e num esgar de prazer, abraçou-o!...

Justiano G. M.

## Indicações Úteis

● Uma fatia de pão torrada e ainda muito quente aplicada sobre manchas de cera em veludo, absorverá, ao fim de alguns minutos, toda a cera, deixando o veludo bem limpo.

● Contra as traças, obtêm-se óptimos resultados colocando no guarda-fato ou nas gavetas uma pequena quantidade de terebintina dentro de um frasco.

## CINE-CLUBE OLHANENSE

(Conclusão da 3.ª página) está despojado de toda a sua fortuna que pode encontrar o caminho da misericórdia e da paz. Tal é a significação profunda do filme que lhe dá uma projecção moral mais séria que a clássica conclusão do melodrama: «os maus serão punidos e os bons recompensados».

### VALOR POÉTICO

É preciso não procurar demasiado uma significação filosófica ou uma revelação sobre psicologia humana em «DEMÓNIO DOURADO». Este filme não é uma obra realista. O tema do amor, dum amor eterno, imaterial e absoluto, indica, em parte, onde se encontrará o principal interesse do filme: é antes de mais poético.

O seu valor plástico, particularidades de montagem, ausência de construção dramática, a psicologia sumária das personagens encontram aí a sua justificação. «DEMÓNIO DOURADO» é um vasto poema de imagens. Não é nem o primeiro nem o último da história de cinema, não é talvez o mais brilhante — analisámo-lhe as imperfeições mais relevantes — mas deixa-nos a recordação de impressões sensoriais que K. Shimura soube libertar da realidade e impor ao espectador. Estas impressões vêm-nos das paisagens (campos de flores, lanarais à beira do mar, floresta outonal), uma folha onde tremula uma gota de chuva um voo de pombo no jardim, a lampaduzinha multicolor giratória. É a poesia de um notívago de olhar cego percorrendo uma rua deserta, de um acendedor de candeeiro num jardim ao crepúsculo. É isso que ficará sobretudo na memória muito tempo depois

## ORFEU NEGRO

(Conclusão da 3.ª página) rodagem, propriamente dita, gastando-se nela mais quatro meses. Mas como a noite de Carnaval é única no ano, foi-lhe necessário reconstruí-la durante oito noites consecutivas.

«Orfeu Negro» poderá não ser mais do que uma colecção de postais ilustrados mas a inteligência e o saber de Camus salvou a empresa dando-nos uma obra rica de vida, amor e esperança.

Quando da apresentação do filme em Cannes, Camus não escondia a sua comoção por ver-se privado, nesse momento, da companhia dos seus fiéis colaboradores e da sua maravilhosa Eurídice, Marpessa Dawn, que, uma vez o filme terminado, se tinham dispersado; comoção, também, por toda aquela revoada de aplausos que vinham coroar o seu insano trabalho de tão longos e árduos meses de esforço.

Francisco Carapucinha

de se ter visto «DEMÓNIO DOURADO» mais que a existência das personagens ou o valor do seu drama. «DEMÓNIO DOURADO» repitamo-lo não é isento de defeitos, mas pertence a um género que é preciso não exigir deste poema outra coisa mais do que aquilo que ele pode dar.

Esta sessão realiza-se amanhã dia 24, pelas 21,15 horas, no Cinema-Teatro de Olhão

Próxima sessão do C. C. Olhanense: Dia 28 de Novembro: VERA CRUZ de Robert Aldrich

## A ABRIR

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

com capitais empregados e que precisam ser recuperados. Os produtores afirmam: «É preciso dar ao público o que ele nos pede». E o que pode «pedir» um público inculto e ignorante? Daí o aparecimento nos nossos ecrãs de obras que amesquinham a arte cinematográfica e a desacreditam. Daí a organização de cineclubes que se propõem tornar consciente esse mesmo público dos males que o Cinema enferma e mostrar-lhe as obras que a dignificam e a elevam ao conceito de Arte.

Grandiosa tarefa a destes jovens que vêm no Cinema uma aventura extraordinária, o meio fantástico de expressão — a Arte que regista, e mostrará às futuras gerações, o ritmo aluciante do mundo de hoje.

Tarefa a que também nos associamos com todo o entusiasmo.

ÂNGULO

## DR. G. GUARNERO

Esteve em Faro de visita ao agente oficial da FIAT PORTUGUESA, firma Pires & Mendonça Lda., o director daquela organização Ex<sup>mo</sup> Sr. Dr. G. Guarnero.

## ENG. MANUEL GALVÃO

Foi nomeado para técnico dos serviços de obras da Câmara Municipal de Lagos, o sr. Engenheiro Manuel Galvão, cuja nomeação foi aprovada por unanimidade.

## A TIPOGRAFIA

TIPOCOLOR IMPRESSOS DE TODOS OS GÉNEROS

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7 OLHÃO

## CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO

AVISO N.º 37

Empreitada de Construção do Palácio da Justiça

Torna-se público que no dia 19 do próximo mês de Novembro, pelas 15 horas, na sala das reuniões do edifício dos Paços do Concelho, perante a Comissão para esse efeito nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de «Construção do Palácio da Justiça de Olhão».

Base de licitação . . . 3 370 630\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações, o depósito provisório de 84.265\$80, mediante guia preenchida pelo próprio concorrente.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso, e restantes elementos ao mesmo respeitantes, estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente nos Serviços de Obras desta Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Olhão, 21 de Outubro de 1960.

O Vice-Presidente, em exercício,

Dr. Vitor Pinto Quintas

## CASEIRO

OFERECE-SE

Com conhecimento de Sequieiro e Regadio e bem assim todo o serviço referente à agricultura.

Quem pretender, dirija-se ao Telefone 245

MONTE GORDO

## ALFAIATARIA RAMOS

DE FRANCISCO RAMOS

TECIDOS CONFECÇÕES = OBRA CLÁSSICA e de SPORT FARDAS PARA A COMUNHÃO CRISTÁ

CONSULTE O FIGURINO ESPECIAL

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA, SOBEJAMENTE COMPROVADA PELA SUA CLIENTELA

EXPERIMENTE E, SERÁ CLIENTE PARA SEMPRE

Largo S. João de Deus - ex. Largo da Cacela, n.º 8 — OLHÃO



NESTA CASA QUEM

COMPRA UMA VEZ

Fica sendo freguês

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
OLHANENSE	4	4	—	—	18-1	8
FARENSE	4	3	—	1	8-3	6
PORTIMONENSE	4	2	2	—	7-4	6
Alhandra	4	2	1	1	12-8	5
V. Setubal	4	2	1	1	10-6	5
S. L. Olivais	4	2	1	1	7-5	5
Oriental	4	2	—	2	5-2	4
Estoril	4	1	1	2	8-9	3
Montijo	4	1	1	2	2-5	4
Juventude	4	1	1	2	5-10	3
U. de Montemor	4	1	—	3	5-1	2
LUSITANO	4	—	2	2	2-5	2
D. de Beja	4	1	—	3	2-8	2
Sacavenense	4	1	—	3	2-17	2

Jogos para hoje: OLHANENSE-Alhandra; Sacavenense-LUSITANO; Vitória de Setubal-Estoril; U. Montemor-Beja; PORTIMONENSE-Montijo; Olivais-Oriental; Juventude-FARENSE.

CANPEONATO NACIONAL (II DIVISÃO)

Relance da Jornada

Disputou-se no passado domingo a 4.ª jornada do Nacional da II Divisão, cujos jogos e resultados foram os seguintes:

Olhanense, 5 — Juventude, 0  
Oriental, 1 — Farense, 0  
Lusitano, 0 — V. Setúbal, 0  
Beja, 0 — Portimonense, 1

Olhanense no seu campo não encontrou qualquer dificuldade e, bateu por margem folgada o grupo eborense que, no entanto, se mostrou aguerrido. Contudo não fez mais do que se defender e dificultar a acção dos avançados locais que marcaram pela terceira vez consecutiva cinco golos.

Farense defrontou em Marvila o grupo local numa partida muito equilibrada em que a sorte ditou o vencedor.

Em Vila Real de Santo António, os setubalenses não conseguiram mais do que um ponto, resultado este que se justifica com o desenrolar da partida, pois os avançados sadinos afunilaram muito as suas avançadas o que facilitou a defesa local. No que respeita aos lusitanistas, os seus avançados não conseguiram furar a forte defesa setubalense — daí o resultado nulo.

Finalmente o Portimonense em Beja foi sempre superior e mereceu a vitória.

O Beja, que este ano ainda não conseguiu um ponto além dos dois ganhos na «secretaria» apenas jogou na primeira meia hora.

A Jornada de hoje

Realiza-se hoje a quinta jornada que compreende os seguintes encontros:

Olhanense — Alhandra  
Sacavenense — Lusitano  
Portimonense — Montijo  
Juventude — Farense

Olhanense, no seu campo, defronta o Alhandra que no passado domingo derrotou pela margem de oito golos o Sacavenense. Mesmo assim estamos convencidos que a vitória não fugirá aos locais que esta época estão a portar-se muito bem.

Lusitano em Sacavém deve vencer, embora com dificuldade pois os sacavenenses lutarão para fugirem ao último lugar, onde se encontram.

Os portimonenses no seu campo não encontrarão grandes dificuldades em bater os montijenses.

Finalmente o Farense em Évora, talvez encontre dificuldades pois o grupo eborense, embora tenha perdido

DESPORTO



FUTEBOL

O encontro Oriental-Farense

Assistimos no passado domingo ao desafio entre o Clube Oriental de Lisboa e o Sporting Farense disputado no campo do 1.º, a contar para a 4.ª jornada do Campeonato Nacional da II Divisão — zona Sul. Como ainda não tínhamos visto actuar esta época os nossos comprovincianos de Faro não resistimos e fomos até ao estádio de Marvila. Em 1.ª análise diremos desde já que os pupilos de Vieira não desiludiram, antes pelo contrário, muito embora achemos a equipa ainda longe do que está ao seu alcance, a preparação física dos seus elementos ainda deficiente, e o esquema de jogo carecendo de melhor organização em especial no ataque onde se nota a falta de

finalisadores, tudo isto porém estamos certos de que irá surgindo a pouco e pouco com o decorrer da prova. O desafio não se apresentava nada difícil para os leões da Faro, o Oriental sério candidato à divisão maior jogava no seu ambiente tentando recompor-se perante o seu público dos dois desaires já sofridos, e como tal toda a cautela era aconselhável aos homens do Farense. Começado que foi o desafio notou-se imediatamente o receio da equipa algarvia remetida a uma toada puramente defensiva explorando sempre que possível o contra-ataque, em contraste com os orientalistas tentando impor o seu jogo com vista à obtenção de golos que os pusessem a coberto de quaisquer surpresas; neste gesto se passou a 1.ª parte que terminou com o Oriental a vencer por um golo solitário nascido dum ótimo remate de cabeça do centro avançado Cristóvão. Na 2.ª parte o Farense tentou reagir vendo que poderia jogar «taco a taco» com o adversário, mas não

soubes (ou não foi capaz) e cedo o prélio perdeu interesse entrando-se num período de quezílias e picardias entre os jogadores, como aliás já se previa no final da 1.ª parte. Ficou-nos a impressão de que se o Farense tivesse começado o desafio mais afeito ao ataque o resultado poderia ter sido outro, não diremos que chegassem a vencer o desafio, mas pelo menos o empate estaria ao seu alcance. No lado do Oriental distinguimos as exibições de Silva Costa, Cordeiro e Rivera (ex-júnior do Sporting), um jovem promissor, o brasileiro Dutra não deu por enquanto ideia de possibilidades de monta. Entre os homens de Faro gostámos das actuações de Bento, Oscar e Queimado, o espanhol Sosa pareceu-nos elemento de boa valia mas por ora aguardamos novas exibições do mesmo.

A arbitragem não esteve mal, e não notamos nenhuma falha de vulto com influência no resultado final.

Mendonça Carvalho

RECORDE MUNDIAL

ESTABELECIDO

por um nadador português?

10 QUILOMETROS EM «MARIPOSA»

Terá um nadador aveirense estabelecido um recorde mundial, ao nadar, em «mariposa», a distância de 10 quilómetros, entre a cidade de Aveiro e S. Jacinto?

O autor da proeza, Carlos Alberto de Moura Baptista Coelho, instrutor de natação da Mocidade Portuguesa e do «Clube dos Galitos», percorreu aquela distância no tempo de 1 hora e 35 minutos, tendo sido acompanhado por um júri técnico da Associação Naval de Aveiro e por operadores cinematográficos, que registaram a prova.

Crê-se que esta é a maior distância percorrida até hoje, em todo o mundo, no estilo «mariposa» e técnicos desportivos afirmam que a façanha de Baptista Coelho é de projecção internacional.

Visado pela Comissão de Censura

Carlos Delfim

é o novo treinador DO LOULETANO

Iniciou há dias a sua actividade ao serviço do Louletano Desportivo Clube o conhecido técnico de futebol Carlos Delfim, que em tempos foi jogador «internacional» do Olhanense e mais tarde treinador do mesmo clube, tendo também exercido a sua actividade no Louletano, onde deu sobejas provas da sua competência, e dedicação ao clube, do que resultou uma considerável melhoria do «team» desse tempo.

Formulamos votos para que Carlos Delfim consiga de novo elevar a equipa do «Louletano» a um nível a que tem jus pelo valor da terra que representa.

no passado domingo em Olhão, defende-se bem.

Ao fim e ao cabo prevê-se uma partida bastante equilibrada.

Vitorino Constantino

BASQUETEBOLE

Principiou o «Terneio de Abertura»

Ginásio C. O., 28  
S. C. Farense, 29  
S. C. Olhanense, 20  
G. D. «Os Olhanenses», 34

Principiou na terça-feira, mais «um torneio de abertura». Como vai sendo habitual, os jogos são disputados em Olhão, no campo do G. D. «Os Olhanenses».

A jornada inicial comportava os encontros, Ginásio-Farense e Olhanense-«Os Olhanenses». O 1.º jogo da noite decorreu animado e pleno de vibração. O Ginásio, que teve quase sempre vantagem no marcador, viu-se privado nos minutos finais, de Pinto e Amaro e, veio a soçobrar por um ponto de diferença. Estamos convictos de

que o Ginásio não perderia o jogo, porquanto, os dois elementos atrás citados, estavam-se exibindo em bom plano e, enquanto não saíram por excesso de faltas pessoais, o Ginásio chegou a ter dez pontos de vantagem.

CRIADA PRECISA-SE

Para casa particular, em Olhão, dando boas referências.

Resposta à Redacção deste Jornal — Rua de S. Pedro, 17 — OLHÃO.

ATLETISMO

CONFORME tínhamos previsto e mesmo sem atingir brilhantismo, a actuação da representação portuguesa nos jogos Ibero-Americanos foi bastante meritória e digna do nosso melhor plauso. Sobre as classificações dos nossos melhores compatriotas devemos pôr em destaque a magnífica vitória de Pedro de Almeida no salto em comprimento, prémio justo para um jovem brioso que tem sabido lutar contra a pouca sorte que o tem perseguido, na verdade confiámos sempre no seu valor mas estávamos um pouco longe de supor uma vitória tão concludente do mesmo com uma marca que ficou apenas a 2cm. do velho record português, sem margem para dúvidas, revelando uma personalidade vencedora e sem desânimos perante os adversários mais cotados como era o caso do brasileiro Ademar Ferreira da Silva, ex-campeão olímpico. Depois do atleta leonino devemos salientar ainda a esplêndida prova da equipa 4x400 m., com um 2.º lugar na eliminação a bater largamente o record nacional, as provas de Alvaro Conde na légua e na maratona, e ainda a actuação bastante prometedora de João Afonso no lançamento do disco, isto para salientarmos apenas os melhores. De Manuel de Oliveira

esperávamos muito melhor, muito embora possam servir de «tenuantes» os factos deste atleta não ter treinado na semana antes dos jogos por motivos de doença, e ter corrido em dias consecutivos os 1500 m. (onde nunca era aconselhável a sua presença) e os 500 m., também Joaquim Ferreira ficou muito aquém do seu valor com um 6.º lugar modesto demais para as suas actuais possibilidades, na prova dos obstáculos. Apesar de alguns atletas terem estado bastante longe das suas possibilidades, talvez por má adaptação a qualquer ordem ao ambiente, ficámos com a certeza de que os nossos representantes não se intimidaram neste contacto internacional como já se ia tornando hábito, o que por si só nos congratula imenso, ficando também demonstrado que o progresso do atletismo português não é um mito, e a atestá-lo fica este nosso comportamento neste jogos Ibero-Americanos onde poderíamos ter ido mais longe do 7.º lugar se as nossas equipas se os nossos representantes tivessem fundamentalmente mais contacto internacional. Parabéns portanto a todos os nossos atletas que tão bem souberam dignificar o nosso País em Santiago do Chile.

Mendonça Carvalho

ANAFÁ

Escarificada e não escarificada, esta submetida à acção do sol e por isso de germinação fácil. Vende qualquer quantidade, bem como de tenogrego.

— JOSÉ MARTINS PONTES JUNIOR —  
PADERNE — ALGARVE

Noticiário desportivo

Consta com certa insistência que o discutido guardião Carlos Gomes ultimamente em Espanha ao serviço do Oviedo, alinhará dentro em breve numa equipa da capital. Fala-se no Benfica, mas a «hipótese Sporting» também não deve ser posta de parte...

O internacional de basquetebol Adriano Robalo do Galitos de Aveiro representará na próxima época o Sporting.

O antigo internacional leonino Armando Ferreira é o novo seleccionador nacional de futebol. Para idêntico lugar na categoria de juniores foi designado o jornalista David Sequerra.

Portugal está a vencer as Filipinas por 1-0 na série de 4 jogos, que disputará com aquele país nas Olimpíadas de Xadrez, que decorrem nesta cidade. Os outros adversários de Portugal são: Holanda, União Indiana, Rússia, Mónaco, Áustria, Polónia, Argentina e Itália.

FARMÁCIA DE SERVIÇO  
Está de serviço permanente de 22 a 28 de Outubro a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone 31.

O Fosfato Thomas ao Serviço da Lavoura

Nos bons como nos maus anos agrícolas o magnífico adubo



evidência sempre aumento de produção corrigindo a acidez das terras e alimentando em fóforo as exigências das plantas  
**FOSFATO THOMAS**  
O ADUBO PRÓPRIO PARA AS TERRAS ÁCIDAS



## O INFANTE D. HENRIQUE NA CONQUISTA DAS CANÁRIAS

V e concedeu as ilhas Grande Canária, Palma e Tenerife a dois nobres portugueses, D. Pedro de Menezes, Marquês de Vila Real e D. Martim de Atouguia, que haviam acompanhado a Cordova a Princesa D. Joana sua futura esposa.

O Infante D. Fernando, filho adoptivo do Infante D. Henrique, segundo João de Barros «folheu de comprar as três ilhas dadas por Henrique IV, como filho adoptivo do Infante seu tio, que já tivera o senhorio destas ilhas, parecia-lhe que as não comprava mas que as herdara dele».

O Professor D. Rumeu de Armas escreveu: «pela primeira vez um príncipe português dispunha de um título legítimo sobre as melhores ilhas do arquipélago Canário».

Pois nem mesmo assim elas foram de Portugal.

O Infante D. Fernando entregou o comando de uma Armada a Diogo da Silva Meneses, que foi às Canárias, no ano de 1466, tomar posse delas. Silva atacou os castelhanos, que se diziam donos e senhores de todas as ilhas, e fê-lo com tal vigor que Diego de Herrera, genro de Fernan Peraza, sua família e amigos tiveram de se refugiar. Silva recebeu um reforço de gente e viveres do Rei de

Portugal, que «elevou as armas portuguesas a uma altura que nunca haviam alcançado noutra época».

Herrera apelou por negociações. Silva contactou com a família deste e enamorou-se perdidamente da filha do vencido, D. Maria de Ayala, com quem casou. Esqueceu-se porém do seu dever, das vidas perdidas por portugueses, na longa disputa com Castela, e do custo das expedições.

Herrera facilmente o tornou num colaborador seu, num acção em que Silva esteve cercado, Herrera não o socorreu, Silva trocara umas ilhas para Portugal por uma mulher para esposa e de vencedor passou a vencido.

Em Portugal, Herrera fez valer os seus contratos de compra das ilhas. A Silva, pelo casamento, coube rendimento de uma parte da ilha de Lançarote.

Por seus feitos nas Canárias foram-lhe cedidas as dízimas da pesca de Matosinhos e D. Manuel fê-lo Conde de Portalegre. Mas a população da vila recusou o Condado e D. Manuel castigou cruelmente os opositores, do que mais tarde se arrependeu.

(Conclui no próximo número)  
J. J. Nascimento Moura

## Uma riqueza oferecida a estranhos

(Conclusão da 1.ª página)

estão a ser vendidos os saborosos camarões, provam a procura que este marisco está a ter no nosso país sendo a sua venda uma das maiores fontes de receita das maiores cervejarias de Lisboa.

Estamos certos que os pescadores de Vila Real de Santo António, sabedores do seu ofício como nenhuns, estarão aptos a iniciarem tão lucrativa pesca que poderão praticar durante todo o ano com bastante proveito para armadores e pescadores.

Mais do que nunca se impõe o aproveitamento desta pesca, pois segundo informações prestadas na carta do nosso prezado Leitor, já os barcos logosteiros franceses que passam pelas nossas costas estão a iniciar negociações com firmas espanholas para o fornecimento directo de grandes quantidades de camarões para os mercados franceses, o que virá num futuro breve complicar a importação das quantidades necessárias para o abastecimento das cervejarias e bares portugueses.

Perante esta riqueza inaproveitada pelos pescadores de Vila Real de Santo António, perguntamos como o nosso Leitor, porque não se dedica à pesca do camarão os pescadores de Vila Real de Santo António?

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
VENDE-SE  
EM TODO O ALGARVE

(Conclusão da 1.ª página)  
ao Rei Castelhana ou a cedência delas à Ordem de Cristo.

Se aquele facto devia ser considerado como um serviço à Cristandade, o pedido, se houve em boa verdade, não devia ser feito. Mas quando há correcção de maneiras, também se pede por favor aquilo que nos pertence. A recusa, porém, era imprópria, visto que, como ficou largamente demonstrado, Castela nenhum direito tinha a justificar a posse e a recusa apenas era um pretexto provocador.

## O inquérito dos Reis Católicos

Vejamos como se prova a estada do Infante D. Henrique nas Canárias.

Esta estranha história do Infante navegador foi contada na «Información auténtica sobre cujo es el ercho de la isla de Lançarote y conquista de las Canárias hech por comission de Fernando e Isabel (1947)».

Os Reis católicos ordenaram acerca dos direitos às Canárias e foi nomeado Esteban Perez de Cambitos ante o qual compareceu lonh Inigues de Atabe, ao qual foi tomado juramento.

Cambitos elaborou nove perguntas às testemunhas que se haviam de pronunciar sobre o senhorio de Castela da ilha de Lançarote, uma daquelas perguntas era se o Infante D. Henrique contra toda a justiça tomou a ilha de Lançarote, com prejuizo da Coroa de Castela e os mesmos vassallos da dita ilha conquistaram a gente do dito Infante D. Henrique e os lançaram fora da dita ilha e mataram muitos deles e a restituíram à Coroa Real de Castela.

A resposta foi que o Infante e que a sua gente foi batida.

## A concessão das três ilhas principais a dois portugueses

PELA morte de D. Juan II de Castela, seu filho D. Henrique IV, entabulou negociações diplomáticas com D. Afonso

## PESCA

São desanimadoras as notícias que chegam dos barcos da Terra Nova — o bacalhau não aparece e as cargas dos navios são fracas.

Mais uma razão para se melhorarem os métodos e intensificar a pesca das outras espécies, de modo que aquela possa ser substituída com vantagem para a economia nacional e sem prejuizo da nossa alimentação.

## Dr. Bissaia Barreto

A Misericórdia da Figueira da Foz proclamou seu irmão honorário o sr. dr. Bissaia Barreto.

Mas o que fez o insigne médico para merecer esta distinção que a muitos se afigurará de mesquinha?

Simplemente isto: — operou no hospital daquela instituição, gratuitamente, para cima de 1.500 indivíduos.

Deixemos rir aqueles para quem o órgão vital são as maxilas e curvemo-nos com humildade e veneração com esta simples palavra nos lábios — Obrigado!

## RUMO A MARROCOS

(Conclusão da 1.ª página)

empunhando quatro remos procuraram, conjungando as suas forças, vencer a distância que os separava do seu destino. Revezando-se, continuaram assim até ao amanhecer, na esperança de que o vento os auxiliasse na sua tarefa; mas este teimava em não aparecer e os homens iam ficando exaustos e a esperança ia-se diluindo. Só mar e céu se descoloria para além do horizonte, pois a terra há muito ficara para trás.

O velho timoneiro passou a orientar-se por uma antiquada bússola, comprada num ferro-velho da vila.

O sol depois de ter subido bem alto, voltara a descer no horizonte.

Ao anoitecer começou a soprar uma leve aragem vinda do Norte que lhes permitiu dar enfim descanso aos fatigados braços. Em breve a leve aragem transformou-se em vento forte que imprimiu à pequena embarcação uma velocidade espantosa. A vela, já velha, causava-lhes apreensões, embora a escota estivesse em boas mãos.

O enjoo apossou-se da maior parte dos tripulantes daquela casca de noz.

Noite alta, um estalido seco fê-los despertar do entorpecimento em que seguiam na eminência do perigo, algumas mãos agarraram o mastro que estava prestes a

soltar-se do anel de ferro que o que o cingia. Num momento, o pânico tomou posse de todos, mas passados breves instantes a calma voltou aos seus espíritos. Dois cabos foram passados à volta do mastro e presos à proa, junto à «cabeleira» da embarcação. Retesando-os e metendo um estropo de perneio, foram torcendo-os até formarem um único cabo. Dorovante um homem ficaria segurando o estropo, de forma a manter os dois cabos entrelaçados. Depois de terem suprimido este perigo, verificaram contristados que um dos cântaros que continha água potável se tinha quebrado, o que os levou a propor o racionamento do precioso líquido, tanto mais que levavam a bordo crianças e mulheres.

O vento recrudescia e as ondas alterosas faziam dançar assustadoramente a pequena embarcação. Ouviam-se já orações e alguns homens que sempre tinham vivido do amanho das suas terras e nunca tinham visto o mar de perto, começaram a lamentar-se, tremendo como varas açoitadas pelo vento.

Era necessário manter a calma admoestados judemente, foi-lhes imposto que se calassem, não fossem as suas lamentações efectarem o ânimo dos outros. Como continuassem, tiveram de ameaçá-los que os lançariam pela borda fora, se prosseguissem nas suas lamentações; e este estrata-

gema deu o resultado desejado. A noite cedeu o lugar ao dia e quando o sol começou a brilhar, a ventania amansou. Fatigados, puderam então reparar os estragos causados na vela, que se apresentava com enormes rasgões que tentaram remendar da melhor forma possível, dados os escassos meios que possuíam.

Entretinham-se nestes arranjos, quando alguém gritou que ao longe avistava um navio. Rumaram ao encontro do mesmo e quando chegaram perto verificaram que se tratava de um enorme transatlântico e que qualquer das suas baleiras era maior que o seu barco. O grande navio suspendeu por instantes a sua marcha e os passageiros, certamente, milhões em férias apinharam-se na amurada para os ver e para lhes acenar, naturalmente, impressionados pelo que estavam contemplando. Um punhado de seres humanos como sardinhas em conserva, no meio de um oceano!! Todavia, não usaram aproximarem-se com medo das hélices e também com receio que os recolhessem, pondo, assim, ponto final à aventura que tinham em destino.

Retomando a sua rota o monstro de ferro foi-se distanciando até o perderem de vista no vasto horizonte.

Novamente a noite desceu sobre o oceano; todavia, ao contrário do interior, passou calmamente.

Ao romper do dia um espesso nevoeiro não os deixava entrever a terra que julgavam próxima. Lentamente o sol foi rompendo a neblina que os cercava e puderam enfim avistar uma nuvem que os homens do mar disseram ser terra. Houve risos, lágrimas de alegria afloraram aos seus olhos e o contentamento encheu o coração de todos. À medida que avançavam viam a nuvem ir tomando formas e a dúvida que ainda subsistia em alguns, desfez-se. Um avião americano da base do Port Lyauty sobrevoou-os durante alguns instantes.

Entretanto, pouca água já lhes restava e os homens resolveram prescindir das suas minguadas rações, em favor das crianças e das mulheres.

Às dez e trinta minutos passaram junto de uma praia sem se deterem, pois a sua aventura devia terminar em Rabat.

A calmaria voltou de novo; porém, na ânsia de chegar, os remos eram agora manejados com mais vigor, o que ocasionou a inutilização de um deles. A vela começou a atormentá-los; mas a ideia de pisarem terra, depois de três noites e três dias vivendo acocorados e tendo por manto o céu,

(Conclusão da 1.ª página)

Além da falta de humanidade que isto representa, sabe-se que a tuberculose em princípio é curável e muitos são recuperados e que o contágio do bacilo é evitável desde que se tornem algumas precauções.

Conhecemos um casal de tuberculosos a quem isolaram e só de fugida punham alguma comida no parapeito da janela e abandonado de carinhos e cuidados morreu amaldiçoando certamente o seu triste viver e os homens que até os filhos lhe sequestravam, sem sequer, de longe, lhes mostrarem mitigando um pouco as amarguras do seu coração.

Felizmente a assistência tem ido levando, de venda este temeroso inimigo.

Hoje o inimigo maior é o cancro e são as doenças do coração. Do cancro pouco se conhece. Entretanto sabe-se que se podem evitar muitas das causas que o originam. Das doenças do coração, numa época de precipitações e incertezas, é, talvez, mais difícil atinar-lhes com a cura.

Quem diz à população ignora essas causas e o modo de as combater?

Quem vai até aos rudes e tenazes pescadores e camponeses, que se extenuam para que a nossa mesa não falte o necessário alimento, dizer-lhes como devem agir para que a sua saúde não periga?

Desse abandono vivem os charlatães que na ignorância encontram lauta mesa a que se banqueteam.

São os animais nossos amigos, indispensáveis companheiros e colaboradores na luta pela nossa existência. Não vamos agora interrogar como os tratam.

Vamos, sim, dizer, que muitos são doentes, doenças em que poucos reparam, por que delas pouco ou nada percebem, e, por isso, pouco curam. É que essas doenças, perigosas sempre, mortais muitas vezes, se transmitem com facilidade aos humanos. Essa transmissão é que é necessário evitar e o ideal seria que a doença fosse combatida no próprio animal e salvar-se-lhe a vida com lenitivo na dor.

Este grito de alarme solta-o o Jornal.

Combater a doença, evitar as suas consequências, e, melhor que

tudo, preveni-la, é missão que cumpre aos doutos.

Não queremos, nem podemos, porque não sabemos, meter foice nesta seara.

Seria legítimo o atrevimento da ignorância.

Mas podemos insistir com eles, pedir-lhes, que desçam das suas torres de marfim e espalhem a boa semente dos seus conselhos baseados no saber consciente e com todos para que os escutem e atendam e não seja em terra sa-fara que ela caia.

Antes frutifique no mais esplêndido dos frutos que é a saúde com proveito e alegria da humanidade.

## Problemas DE MONTE GORDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Idêntico caso apontamos para os que utilizaram o correio às 22 h. e 12 m. no inverno passado, com a estação fechada.

Abrimos em parêntesis para tecer os melhores elogios ao encarregado da estação que, cheio de espírito de boa vontade tem procurado embelezar o aspecto de jardinagem da gare. Não é um jardim já repleto de plantas, mas elas já foram lá fixadas e com a ajuda do tempo e a boa vontade do encarregado algo se verá.

E agora, humildemente pedimos à C. P.:

Atendam o nosso pedido, contribuindo para que o turismo no Algarve não seja palavra vã.

Ajudem o desenvolvimento turístico do Algarve, dedicando aos que nos visitam, as melhores comodidades e conforto, para que tenham sempre a certeza de que «Turismo no Algarve é hospitalidade».

Rogério Pedro

## DR. JOSÉ FERNANDES DE A. MONTEIRO

Em Faro, assumiu as funções de Director da Escola Industrial e Comercial de Faro, o senhor Dr. José Fernandes de Andrade Monteiro.

## 'Hotel ou não Hotel!'

(Conclusão da 1.ª página)

truir ao lado um novo hotel. — Ideia inteligente que não foi ainda aproveitada. — Lançaram-se as primeiras pedras, formaram-se os alicerces, e eis que surge um airoso edifício, imponente, regalando os olhos de quem o vê, e até, porque, está situada na principal zona da cidade.

Entretanto, a cidade cresceu, mãos hábeis e ideias futuristas, surgiram acudindo aqui e ali, transformando a cidade e associando às suas fontes impulsoras, a grande indústria que é o Turismo.

Hoje é uma cidade com cerca de 30.000 habitantes, dispõe duma Praia bastante

frequentada, há uma parte moderna que é das mais evoluídas do país, recebe continuamente ilustres visitantes, viajantes e muitíssimos turistas de todas as nacionalidades. Pois, seria lógico, mais que lógico, incisivo, que se fizesse a exploração de tão grande melhoramento. Mas não. O hotel anexo não funciona, serve apenas de ornamento na praça D. Francisco Gomes.

Prevê-se, contudo, a construção de novos hotéis. Mas, presentemente, os visitantes que Faro recebe, e que ali se deviam instalar, preferem a Pousada de S. Brás de Alportel, sita a 20 quilómetros desta cidade.

## ANIMAIS

Em Viena de Áustria vivem numa jaula em plena harmonia e boa amizade um leão e um cão.

E somos nós que lhes chamamos irracionais!

PORTO  
RAINHA  
SANTA

ATÉ  
OS ANJOS  
BEBEM!...

RODRIGUES PINEO  
& C.ª

VILA NOVA DE GAIA



3 vezes  
por dia  
1 comprimido

contra  
dores de cabeça  
constipações  
reumatismo

ASPIRINA

Há mais de 60 anos  
ASPIRINA e BAYER  
familiares a todos.

## TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

(a) em língua árabe significa «aqui» «aqui».